

# PRODUTOR

Ano II • Número 10 • Agosto/Setembro 2012



## Redução de custos

COM GERENCIAMENTO, O PRODUTOR PODE TOMAR DECISÕES QUE IMPULSIONAM A RENTABILIDADE DOS NEGÓCIOS

### Produção

Aumento da frequência das ordenhas beneficia produção e sanidade do úbere

### Saúde

Combate à diarreia neonatal evita morte de animais e outras perdas à propriedade

### Mercado

Pesquisa aponta falta de condições que motivem altos investimentos no campo



### Receita

Vencedora do programa *A Fazenda*, a apresentadora Karina Bacchi ensina a preparar um delicioso risoto

Ingredientes essenciais  
para uma vida saudável.



Aliamos o que há de melhor para garantir produtos com alto padrão de qualidade e atender aos mais exigentes paladares.

Tecnologia de Ponta, Inovação e Atitudes Sustentáveis.

Diferenciais competitivos que nos permitem transformar simples elementos em ingredientes essenciais para uma vida saudável.

**Gemacom Tech**  
Tecnologia em Ingredientes



- Amidos Modificados
- Aromas
- Corantes
- DairyTech
- Educorantes
- Estabilizantes e Espessantes
- Geléias, Coberturas e Recheios
- Misturas em pó aromatizadas
- Pastas de Queijos e Condimentos
- Preparações de Frutas

EDITORIAL

## Renda maior, mais investimento

Caio Argemir



Uma pesquisa do site MilkPoint, apresentada na editoria Mercado desta edição, mostra a timidez do produtor para investir na atividade leiteira, e aponta que uma das possíveis causas para isso é o medo de se endividar. É compreensível! Porém, aperfeiçoar a produção pode resultar em aumento da rentabilidade dos negócios, o que confere mais segurança e tranquilidade para investir e crescer de forma planejada. Uma das medidas para isso é gerenciar e reduzir custos – tema abordado na matéria de capa desta revista.

Outro fator que contribui para a evolução da atividade é a capacitação. Por isso, a LBR firmou parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Rio de Janeiro (Senar-Rio) para a atualização de seus produtores fluminenses, como explica o presidente do Conselho Administrativo da entidade, Rodolfo Tavares, na seção Entrevista.

A matéria sobre Produção, também relacionada, por tratar de ganhos de eficiência, aborda o aumento do número de ordenhas durante as primeiras semanas de lactação. A atividade da ordenha é ainda o tema da editoria Profissão, que mostra as habilidades necessárias ao trabalhador encarregado da extração do leite na propriedade. Já a matéria sobre Saúde revela os danos, as causas e as formas de tratar os animais acometidos pela diarreia neonatal bovina.

Esta publicação traz também a bem-sucedida trajetória da marca LeitBom; o que deve ser considerado para calcular o custo da silagem, na seção Controle; notícias e novidades de empresas parceiras; além dos resultados do Concurso LBR de Sólidos do Leite, assim como o calendário dos Dias de Campo programados pela empresa.

A revista mostra ainda, na editoria Modelo, a experiência e o exemplo de dedicação dos produtores Cláudia Lavoratti e Sérgio Odilo Nied, de Travesseiro (RS), que comemoram os resultados obtidos na propriedade depois de aderirem ao Projeto 300. Já a receita culinária desta edição, um delicioso risoto, foi fornecida pela atriz e apresentadora Karina Bacchi, que, entre outras conquistas, foi vencedora do programa *A Fazenda*, da Rede Record.

Todo esse conteúdo, preparado com muita dedicação para orientar os passos dos produtores rumo à qualidade do leite e rentabilidade dos negócios, pode ser consultado também no site da LBR ([www.lbr-lacteosbrasil.com.br](http://www.lbr-lacteosbrasil.com.br)), nos *links* Produtores/Programa Desenvolve Produtor/Comunicação/Revista Produtor. A ferramenta é mais uma forma de compartilharmos informações úteis e valiosas.

Boa leitura!

**Wilson Zanatta**  
Copresidente do Conselho de  
Administração da LBR

EXPEDIENTE

Produtor LBR - Ano II - Nº 10

CONSELHO EDITORIAL

COPRESIDENTE DO CONSELHO  
DE ADMINISTRAÇÃO

Wilson Zanatta

DIRETOR-PRESIDENTE

Marcos Póvoa

DIRETOR DE CAPTAÇÃO  
E SUPRIMENTOS

Roberto Hentzy

GERENTES DE POLÍTICA LEITEIRA

Antônio Carlos de Souza Lima Jr.

Claudinei Ribeiro Chaves

Éder Vieira

João Carlos Barbieri

Jose Benedito Franco

Luiz André dos Santos

Mauri Aparecido Caliar

COORDENAÇÃO GERAL E SUPERVISÃO

Porto Press Comunicação

Tel.: (51) 3233-3849

EDIÇÃO

Erika Mazon (MTb: 21.138)

REDAÇÃO

Erika Mazon

Iva Oliveira

Ronaldo Victoria

EDITORIAÇÃO

Terra Design Gráfico

FOTOS DA CAPA

Shutterstock

Karina Bacchi: Luis Crispino/Divulgação

IMPRESSÃO

Gráfica Pallotti

TIRAGEM

30 mil exemplares

A revista *Produtor LBR* é uma publicação da LBR – Lácteos Brasil S.A., com distribuição gratuita aos produtores rurais fornecedores da empresa e a outros públicos.

Os direitos autorais estão reservados à LBR – Lácteos Brasil S.A. A reprodução total ou parcial de artigos e reportagens é permitida desde que citada a fonte.



[www.lacteosbrasil.com.br](http://www.lacteosbrasil.com.br)



Clean Fria

**10** PRODUÇÃO • Ganhos da maior frequência de ordenha

**14** PROFISSÃO • Extração do leite exige preparo



Shutterstock

**18** CAPA • Redução dos custos na propriedade

**24** SAÚDE • Bom manejo evita diarreia neonatal



Assessoria de Comunicação Esat/USP

**28** MODELO • Cláudia Lavoratti e Sérgio Nied

**32** MERCADO • Panorama do investimento rural

**ENTREVISTA** • Rodolfo Tavares, do Senar-Rio

**6**

**CONTROLE** • O cálculo da confecção de silagem

**16**

**MARCA** • O empreendedorismo da LeitBom

**31**

**MOTIVAÇÃO** • Concurso e Dias de Campo LBR

**36**

**NOVIDADES** • Notícias do mercado agropecuário

**38**

**RECEITA** • A dica culinária da atriz Karina Bacchi

**41**



Carlos Rodrigues

# Equipamento Frioleite, Mais Qualidade de Vida, Maior Lucratividade.



Ordenhadeira Mecânica



Ordenhadeira Mecânica 300E



Ordenhadeira Canalizada



Unidade Final Móvel



Contenção

Resfriadores de Leite (Tanques de Expansão)



**FRIOLEITE**<sup>®</sup>  
Indústria e Comércio Ltda

FÁBRICA: Rua Conquista, 35  
Bairro Martins - Próximo à Rodoviária  
Cep 38400-482 - Uberlândia/MG  
Fone: (34) 3236-2508 - [www.frioleite.com.br](http://www.frioleite.com.br)



Divulgação



Sem pessoas qualificadas e motivadas, nenhum trabalho pode ser executado com eficácia.



**Rodolfo Tavares**  
Presidente do Conselho Administrativo do Senar-Rio

## Produtor mais qualificado

Essa é a bandeira defendida pelo presidente do Sistema Faerj e do Conselho Administrativo do Senar-Rio

Produtor rural, o carioca Rodolfo Tavares ingressou na área de representação sindical antes dos 30 anos de idade, na Cooperativa Agropecuária de Rio Claro e no Sindicato Rural de Rio Claro (RJ). Desde então, nunca deixou de defender os interesses do homem do campo. Em 1994, assumiu a presidência da Federação da Agricultura, Pecuária e Pesca do Estado do Rio de Janeiro (Faerj) – representação da categoria patronal rural fluminense –, cargo que ocupa até hoje. Sob sua liderança estão 50 sindicatos rurais e de pesca e mais de 30 mil produtores rurais. Além disso, há seis mandatos consecutivos, ele preside também o Conselho Administrativo do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Rio de Janeiro (Senar-Rio). Com a entidade, vinculada à Faerj, a LBR firmou parceria recentemente para a formação profissional e promoção social de seus produtores fluminenses.

É credenciado por essa vasta experiência que Tavares defende a continuidade do que chama de “longa caminhada no processo de formação e atualização da mão de obra do meio rural”. A ideia, segundo ele, é estruturar todo o setor, oferecendo produtos com valor agregado a um mercado consumidor tão exigente, como afirma na entrevista a seguir.

**Na inauguração da unidade industrial da Bom Gosto (hoje LBR) em Barra Mansa, em 2010, o governador Sérgio Cabral afirmou que o Rio de Janeiro tinha tudo para ser uma espécie de França: pequena, mas com pecuária de qualidade. O senhor concorda com a afirmação? Por quê?**

**TAVARES** – O Estado do Rio de Janeiro é mesmo pequeno em território, mas temos as nossas vantagens: possuímos condições climáticas, incentivos fiscais que convergem em apoio ao produtor e, logicamente, tecnologia capaz de produzir com qualidade e oferecer ao segundo maior mercado consumidor do Brasil produtos com mais valor agregado.

**Qual a relação entre mão de obra qualificada e leite de qualidade?**

**TAVARES** – Sem pessoas qualificadas e motivadas, nenhum trabalho pode ser

executado com eficácia. E não é diferente no caso da qualidade do leite. Ao longo dos anos, percebemos que existem muitas referências sobre o assunto, tornando-o inescotável, cabendo somente à capacitação de mão de obra o papel de atualizar e aperfeiçoar as pessoas envolvidas.

**A capacitação também interfere positivamente no volume captado?**

**TAVARES** – Não temos dúvida de que hoje existem tecnologias capazes de verticalizar a produção de leite. Para isso, é preciso continuar com a longa caminhada no processo de formação e atualização da mão de obra do meio rural. No caso do Rio de Janeiro, fazemos isso com os programas de qualificação de mão de obra do Senar e com o Programa Balde Cheio/Faerj/Embrapa/Sebrae, capacitando técnicos no processo de transferência de tecnologia para produção intensiva de leite.

Em 2011,  
a organização  
capacitou no Rio de Janeiro  
cerca de  
**14**  
mil pessoas, sendo  
**20%**  
produtores de leite





Divulgação

Tavares e Marcos Póvoa, diretor-presidente da LBR: entidade e indústria unidas para a qualificação profissional

**Como está hoje a situação do Rio em termos de capacitação dos profissionais do campo? Quais os principais agentes e as iniciativas de qualificação?**

**TAVARES** – O Senar-Rio atua de diversas maneiras no segmento produtivo da cadeia leiteira, desde a customização de programas de capacitação de mão de obra em empresas agropecuárias, atualização e aperfeiçoamento de trabalhadores e produtores rurais, envolvendo temáticas de empreendedorismo, intensificação da produção e qualidade do produto. Em 2011, a organização capacitou no Rio de Janeiro cerca de 14 mil pessoas, sendo 20% produtores de leite. Ao todo, são mais de 15 títulos de treinamentos específicos para a atividade. Nossos principais parceiros nessa tarefa são os sindicatos rurais, as cooperativas agropecuárias e os laticínios, como no caso da LBR – Lácteos Brasil.

**Qual o maior obstáculo para a disseminação de conhecimentos nas propriedades? Resistência do produtor? Falta de estruturação? Pouco investimento?**

**TAVARES** – Um pouco de cada. Por ser uma atividade muito tradicional no Estado, encontramos produtores com diferentes níveis de resultado, produtivo e econômico. Nos casos em que o produtor não consegue rentabilidade da atividade, percebemos que haverá dificuldades, inclusive na sucessão

familiar. Como tentativa de mudança, usamos as Unidades Demonstrativas (UD) do Programa Balde Cheio, para apresentar resultados significativos de rentabilidade na atividade leiteira.

**Qual o objetivo da parceria da LBR com o Senar-Rio e de que forma ela contribuirá para o avanço da pecuária de leiteira no Estado?**

**TAVARES** – O objetivo é a atualização da mão de obra, principalmente em qualidade do leite. Outra vertente é oferecer atendimento ao produtor da LBR usando a metodologia do Programa Balde Cheio. Desta vez, a parceria conta também com o Sebrae e a ferramenta Sebraetec.

**Quais as perspectivas para o setor leiteiro fluminense em curto, médio e longo prazos?**

**TAVARES** – Em curto prazo, já conquistamos, por meio de parcerias com o Governo do Estado, a implantação de uma política fiscal que possibilitou a instalação de novas indústrias lácteas no Estado. No médio prazo, seriam melhorias na condição de produção, com estabilidade dos preços e aumento da renda do produtor, possibilitando, assim, maiores investimentos ‘dentro da porteira’. Em longo prazo, a estruturação de todo o setor, oferecendo produtos com valor agregado a esse mercado consumidor tão exigente.

*Novas embalagens.  
Novo produto.  
E aquele sabor que  
só nossos produtores  
conseguem oferecer.*

**parmalat**<sup>®</sup>



*Linha Mercearia Láctea Parmalat.  
A embalagem mudou. A qualidade não.*

*A Parmalat, há anos sinônimo de qualidade e confiança, apresenta novidades na sua linha de mercearia láctea: as novas embalagens e o Creme de Leite Light. Os produtores fazem parte desta conquista. Com uma parceria sólida, a Parmalat não para de inovar e crescer, mantendo-se cada vez mais como a marca de leites mais querida do Brasil.*



O objetivo (da parceria da LBR com o Senar) é a atualização da mão de obra, principalmente em qualidade do leite.



**Rodolfo Tavares**  
Presidente do Conselho Administrativo do Senar-Rio



## Boa solução, mas não para todos

Frequência maior da ordenha é indicada em rebanhos com elevado potencial produtivo

Aumentar a frequência das ordenhas – chegando a até seis vezes ao dia – pode parecer solução óbvia para elevar a produção de leite. Mas, de acordo com a pesquisadora Rafaela Carareto Polycarpo, que atua na área de nutrição e manejo de ruminantes na Universidade de Brasília (UnB/FUP), não é bem assim. “Essa técnica de manejo só é indicada para rebanhos com elevadíssima produção individual e para animais em início de lactação. Em se tratando de vacas em sistema de confinamento, com alto potencial – o que significa acima de 30 litros de leite/dia –, a medida é bastante recomendada”, reforça. “Não podemos, portanto, generalizá-la, pois cada caso é um caso. E ainda devemos lembrar que o mais importante é considerar a relação custo/benefício, e não somente quantificar o aumento na produção de leite da propriedade”, acrescenta. Afinal, obter sucesso na atividade, lembra a pesquisadora, depende de uma série de variáveis que interferem no resultado final, como a genética dos animais, o ambiente e a alimentação.

Outra questão a ser considerada, além do acréscimo da produtividade, é a saúde do rebanho. Com base em levantamento que desenvolveu a partir de pesquisa de artigos publicados no conceituado *Journal Dairy Science* (JDS) nos últimos 20 anos, Rafaela

destaca que esse aspecto tem influência importante. “De acordo com os trabalhos publicados, a maior frequência de ordenha pode tanto ampliar a produção de leite como ajudar a manter a sanidade do úbere dos animais”, garante.

Os artigos pesquisados relacionados ao tema indicam que o aumento no número de ordenhas nos primeiros 21 dias após o parto (que seria triplicado, passando de duas vezes ao dia para seis vezes ao dia) resulta em acréscimo de 9% a 10% na produção de leite. E esse aumento, segundo a pesquisadora, é verificado não somente durante as primeiras semanas, mas também ao longo de todo período de lactação. Além disso, os estudos apontaram que a prática pode levar à redução da Contagem de Células Somáticas (CCS). “A melhoria na sanidade dos úberes dos animais foi comprovada com a redução dos casos de mastite clínica e subclínica”, observa Rafaela.

A pesquisadora da UnB selecionou três estudos publicados no JDS para formular suas conclusões. O primeiro comparou a produção de três grupos de animais, divididos de acordo com o número diário de ordenhas; o segundo comparou a produção, composição e CCS; e o terceiro apresentou os motivos para o aumento da produção. Veja nas páginas seguintes.



A maior frequência de ordenha pode tanto ampliar a produção como ajudar a manter a sanidade do úbere.



Rafaela Polycarpo  
Pesquisadora da UnB/FUP

## ESTUDO 1

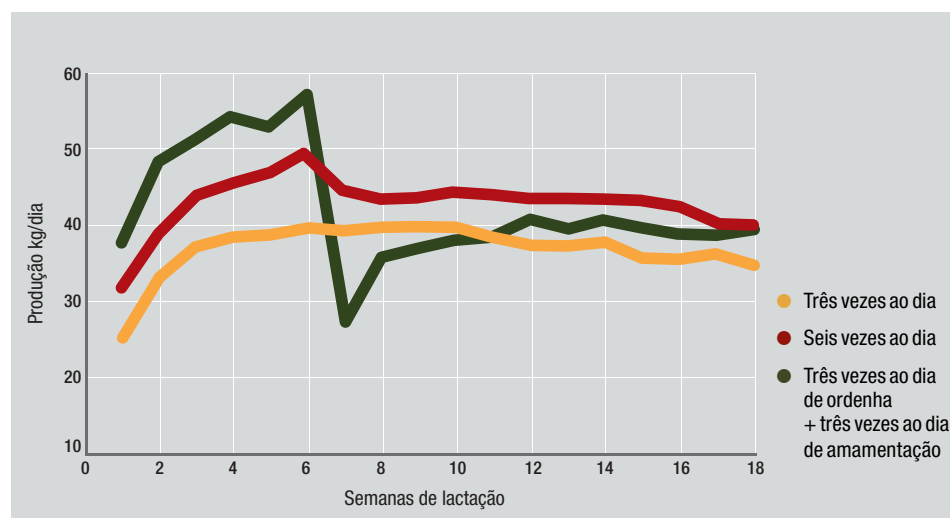
No primeiro estudo, publicado em 1995, as vacas do primeiro grupo foram ordenhadas, durante as seis primeiras semanas de lactação, três vezes ao dia. Já as do segundo grupo foram ordenhadas seis vezes ao dia durante as mesmas seis primeiras semanas. E, no último grupo, além das vacas serem ordenhadas três vezes diariamente, também amamentaram três vezes ao dia. Para estimar a produção de leite dessas vacas do grupo três, foi admitido que a quantidade de leite consumida pelos bezerros equivaleria à diferença de peso deles antes e depois da mamada. Após a sexta semana de lactação, todos os animais passaram a ser ordenhados apenas três vezes por dia.

A aplicação dessa metodologia demonstrou que as vacas do terceiro grupo (que foram ordenhadas três vezes ao dia e amamentavam com a mesma frequência) produziram mais nas seis primeiras semanas de lactação, mas reduziram drasticamente a produção a partir da sétima semana de lactação – o que pode ser explicado pelo estresse da ausência das crias. Já as ordenhadas três vezes ao dia produziram menos e as ordenhadas seis vezes ao dia tiveram produção intermediária. Porém,

esses últimos animais foram os que mantiveram a maior produção após as seis semanas iniciais de lactação.



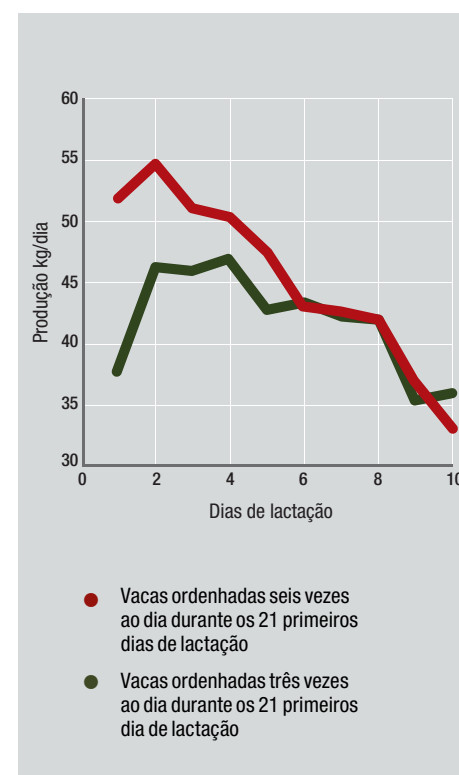
Fotos: Shutterstock



## ESTUDO 2

Outro trabalho, publicado em 2004, comparou a produção, a composição do leite e a CCS de dois grandes grupos de animais. No primeiro grupo, as vacas foram ordenhadas três vezes ao dia durante as três primeiras semanas de lactação. No segundo grupo, foram ordenhadas, durante o mesmo período de tempo, seis vezes ao dia. Após os 21 dias iniciais de lactação, a periodicidade da ordenha passou a ser a mesma para ambos os grupos: três vezes ao dia.

Além da maior produção, as vacas ordenhadas seis vezes ao dia deram leite com maiores teores de proteína, gordura e sólidos totais na comparação com animais que foram ordenhados três vezes ao dia. O estudo mostrou ainda que a maior frequência de ordenha provocou redução na CCS e essa redução persistiu por mais três meses após o experimento.



## ESTUDO 3

No terceiro trabalho analisado por Rafaela, publicado em 2007, os autores se preocuparam não apenas em mostrar o aumento da produção de leite com a elevação do número de ordenhas, mas também em revelar as razões desse crescimento. As hipóteses apontadas são de que o aumento viria de uma resposta hormonal ou de aspectos locais internos na glândula mamária. Para tentar responder a essa questão, os pesquisadores dividiram o úbere das vacas em dois grupos: lado direito e lado esquerdo. O direito foi ordenhado duas vezes ao dia e o esquerdo quatro vezes ao dia, sendo que a produção de cada metade do úbere foi medida separadamente.

Ao final dos 21 dias iniciais de lactação, o lado esquerdo produziu em média 3,9 litros de leite diários acima do que o lado direito. E ao final de toda a lactação (305 dias), produziu em média 1,8 litro diário mais do que o lado direito. Assim, os autores concluíram que a maior produção de leite com o aumento na frequência de ordenhas no início da lactação se deve mais a aspectos internos da glândula mamária do que a modificações hormonais.



“A melhoria da sanidade dos úberes foi comprovada com a redução dos casos de mastite clínica e subclínica.”



Rafaela Polycarpo

Pesquisadora da UnB/FUP



Tom Cabral



Quem trabalha com leite sabe que, sem um bom profissional nessa função, é impossível produzir com qualidade.



**Letícia Mendonça**  
Médica-veterinária,  
analista da Embrapa  
Gado de Leite

# Ordenhador está em alta

Profissional tem grande influência na qualidade do leite e, portanto, na remuneração do produtor

O ordenhador é o verdadeiro herói da propriedade, na visão da médica-veterinária Letícia Caldas Mendonça, analista da Embrapa Gado de Leite. “Quem trabalha com leite sabe que, sem um bom profissional nessa função, é impossível produzir com qualidade”, defende ela, autora de artigos em que essa afirmação é demonstrada por meio de estudos e pesquisas. Um deles conclui que a presença de funcionários agressivos durante a ordenha aumenta em 70% o volume de leite residual – um dos fatores de risco para ocorrência de mastite. Outro relata que em propriedades leiteiras nas quais a rotina de ordenha está descrita, e há treinamento frequente de funcionários, o número de vacas

ordenhadas por hora por ordenhador é maior, e a taxa de mastite clínica é menor.

Embora não seja uma profissão formal, regulamentada, a atividade do ordenhador vem ganhando importância porque, ao interferir na qualidade do leite, provoca impacto positivo na rentabilidade do negócio. É que as práticas de higiene adotadas pelo profissional ao lidar com as vacas e os utensílios são determinantes para a Contagem Bacteriana Total (CBT) – critério que vem sendo cada vez mais considerado pela indústria na remuneração ao produtor. Em algumas propriedades, segundo a médica-veterinária, a valorização do trabalho do ordenhador é demonstrada até por bonificação. “Os produtores repassam aos

profissionais um percentual dos recursos recebidos pela qualidade do leite, como forma de incentivo. Assim, o ordenhador passa a ser parte do negócio”. Já o salário fixo do encarregado pela ordenha varia muito, segundo Letícia, de acordo com a região e as tarefas desempenhadas na propriedade (muitas vezes, ele não se limita a ordenhar). Não há um dado oficial sobre o valor pago no Brasil, mas estudos apontam a média de R\$ 1.200,00 (incluindo encargos) para a função em propriedades rurais com mão de obra permanente, ou seja, o valor não serve de parâmetro quando se trata de agricultura familiar.

Para ser um bom profissional, são necessárias habilidades e características específicas (veja quadro nesta página) e, principalmente, gostar dos animais. Isso tudo, porém, não dispensa treinamentos e reciclagens constantes. “O fato de o Brasil ter uma legislação que estabelece o nível mínimo de qualidade necessária ao leite está levando os produtores a buscarem mais informação e a entender melhor a importância de aperfeiçoar e treinar seus funcionários”, acredita Letícia.

Oportunidades para isso não faltam. Tanto aos ordenhadores que querem se manter atualizados como às pessoas que desejam ingressar na profissão há uma série de cursos disponíveis no mercado, muitos deles gratuitos. Informações a respeito podem ser obtidas no sindicato rural de cada localidade ou na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) estadual. Há ainda os seguintes aliados:

**Embrapa Gado de Leite** – Mantém o curso Formação de Ordenhadores: operação e manutenção de ordenhadeiras mecânicas, sobre o qual podem ser obtidas informações adicionais no site [www.cnp.gl.embrapa.br](http://www.cnp.gl.embrapa.br), no *link* Cursos.  
**Senar** – O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural também ministra o curso por meio de suas unidades estaduais. Assim, para conhecer a programação, acesse o site nacional da entidade ([www.senar.org.br](http://www.senar.org.br)) e pesquise no *link* Senar no seu Estado.



Clean Frota

## Retrato do bom profissional

De acordo com a médica-veterinária Letícia Mendonça, para ser um bom ordenhador é preciso, além de treinamento:

- Gostar do trabalho e das atividades que fazem parte dele.
- Saber o significado e a importância de cada tarefa executada, como o teste da caneca telada, por exemplo.
- Comprometer-se com as metas e os resultados da propriedade.
- Encarar o trabalho como se fosse dono do negócio.
- Ter bons hábitos de higiene e tratar os animais com respeito.
- Comunicar os problemas do dia a dia aos superiores e procurar formas de ajudar a solucioná-los.
- Ser interessado.



Shutterstock



# O custo real da silagem

Metodologia simples permite quantificar o valor do alimento e avaliar sua viabilidade

A silagem é bastante difundida entre os produtores de leite como solução para alimentar os rebanhos, especialmente em épocas de chuvas prolongadas, quando a utilização de pastagens é dificultada, e na fase de transição de culturas, o que pode resultar na escassez delas. No entanto, o engenheiro agrônomo Anderson Rozanski, que atua na Prefeitura de Blumenau (SC) e na Cooperativa dos Engenheiros Agrônomos e de Profissionais em Desenvolvimento Rural e Ambiental (Uneagro), de Santa Catarina, pondera que o

processo de confecção do alimento é trabalhoso, e o custo, variável, de acordo com as condições da propriedade e de seu aproveitamento.

Frente à divergência em relação à viabilidade do uso do material – alguns o consideram caro demais e outros defendem sua adoção, principalmente se for de milho, em razão do elevado valor nutricional e potencial produtivo –, Rozanski sugere uma metodologia simples de levantamento do custo real da produção de silagem de milho. Confira os itens a serem considerados e anotados.

A partir do levantamento dos itens, o produtor deve aplicar as seguintes fórmulas:

**PRODUÇÃO MASSA VERDE (EM TON)/HA:  
CUSTO DA SILAGEM:**

$$\text{SOMA TOTAL (R\$)} = \text{R\$/Kg} \times [\text{PRODUÇÃO (TON)} \times 1000]$$

Para avaliar a produção de massa verde da área, o engenheiro agrônomo sugere duas fórmulas:

1. Pesar uma carreta carregada de milho picado e multiplicar pelo número de carretas utilizadas para o transporte. Nesse caso, deve-se descontar o peso da carreta vazia.

2. Medir três fileiras de dez metros cada uma na área a ser colhida (atenção: escolher trechos representativos), cortar e pesar as plantas (milho) dessas linhas. A partir do resultado, calcular a produção de acordo com a área total.

PROCESSO/PRODUTO	CUSTO (R\$)
Análise do solo (válida por dois anos ou duas safras)	
Calcário	
Preparo do solo para o plantio	
Herbicidas	
Aplicação de herbicidas	
Máquina para o plantio	
Sementes	
Adubação para plantio	
Adubação de cobertura	
Inseticida	
Aplicação de inseticidas	
Capina mecanizada	
Colheita	
Transporte e acondicionamento do milho picado	
Cobertura	
Aditivos	
Construção do silo	
Outros	
<b>SOMA TOTAL</b>	

**GENTE QUE COOPERA CONSTRÓI UM MUNDO MELHOR.**

2012. Escolhido pela ONU o Ano Internacional das Cooperativas.



**GENTE QUE COOPERA CRESCE.**





Fotos: Shutterstock

# CUSTOS Gerenciar para reduzir

Conhecer a propriedade e adotar medidas planejadas e integradas ajudam a manter a competitividade do negócio

Na atividade leiteira, tão importante quando executar com qualidade as tarefas diretamente ligadas à produção é gerenciar os custos. Só assim é possível reduzi-los e, dessa forma, ampliar a rentabilidade e garantir a competitividade do negócio.

De acordo com o engenheiro agrônomo Maurício Palma Nogueira, diretor-executivo da Bigma Consultoria – empresa especializada em gestão e organização de empreendimentos relacionados ao agronegócio –, o principal ganho para o produtor que adota controles de custos é a solidez de suas decisões. “Conhecendo o negócio e a dinâmica financeira, dificilmente ele cometerá erros ao longo dos anos. A grande vantagem é alinhar a tecnologia na direção de bons resultados econômicos”, defende.

Gerenciar os custos, segundo Nogueira, nada mais é do que organizar, de forma integrada, as escriturações contábil e zootécnica, o que resulta justamente em conclusões e decisões eficazes. Para fazer isso, o primeiro passo é o produtor traçar um diagnóstico e inventário completo da propriedade, ou seja, conhecer sua situação e seus recursos. “Ele precisa entender seu negócio e a dinâmica dos custos, receitas, despesas, investimentos, etc. Também precisa definir aonde quer chegar e calcular quanto tempo e investimento serão necessários para atingir o ponto”, acrescenta o executivo. Com base nessa análise, é possível planejar as ações, definir o formato dos relatórios e determinar critérios de controle no campo, no escritório e na integração das informações. “O produtor só deve medir o que futuramente se transformará em decisão”, reforça Nogueira, alertando que isso pode ser feito com ou sem a ajuda de um especialista, mas sempre com muita disciplina. “Ele precisa perceber que anotar, controlar e planejar faz parte de sua atividade”, completa.

Com essa rotina estabelecida, será maior a facilidade de detectar e adotar práticas eficazes de redução de custos de produção. O zootecnista Rafael Ribeiro de Lima Filho, da Scot Consultoria – empresa dedicada à coleta, análise e divulgação de informações de mercado para o campo –, aponta várias medidas, entre elas a compra estratégica de insumos.

Ele estima que, na pecuária leiteira, a alimentação demande hoje de 40% a 50% dos custos, incluindo pasto, concentrados e suplementos minerais. Há variação também em virtude do sistema adotado: se for a pasto, a participação tende a ser menor. Diante da importância desse custo, o produtor deve planejar a aquisição de produtos considerando o período de maior disponibilidade. “De janeiro a março, ela é elevada em relação a grãos, o que tende a fazer com que os preços caiam”, observa o consultor, recomendando o acompanhamento diário do mercado. “Quem faz isso consegue antecipar ou adiar a compra, de forma a obter vantagem”. E cita o exemplo do

“Gerenciar os custos nada mais é do que organizar, de forma integrada, as escriturações contábil e zootécnica.”

Maurício Nogueira  
Diretor da Bigma

“Quem faz isso (acompanhamento diário do mercado) consegue antecipar ou adiar a compra, de forma a obter vantagem.”

Rafael Ribeiro de Lima Filho  
Zootecnista da Scot Consultoria

milho: os que compraram o produto no início da safra (colheita), em fevereiro, pagaram de R\$ 505,00 a R\$ 510,00 a tonelada. Já os que adiaram a aquisição para o início de julho, desembolsaram entre R\$ 350,00 e R\$ 440,00 a tonelada. “A diferença é muito grande, em uma atividade cuja margem de ganho é pequena”, observa. Mais do que a oferta e a demanda, no entanto, o consultor aconselha considerar na dinâmica do mercado a questão climática e até a situação do câmbio, que interferem nos preços.

Em relação ao mercado de fertilizantes, a regra é a mesma. Em geral, os produtores concentram as compras no segundo semestre, para utilizar os produtos na safra de verão, ou seja, a demanda é maior e resulta na elevação dos preços. Quem tem condições e espaço disponível na propriedade, portanto, pode comprar no primeiro semestre, a preços mais atraentes, e armazenar o produto, respeitando, claro, suas particularidades.

Outra forma de reduzir custos, apontada pelo zootecnista da Scot, é aumentar a produtividade, o que, de início, pode até exigir investimento. É o caso de intensificar o sistema de pastejo rotacionado – medida que, embora envolva recursos, é vantajosa posteriormente pela possibilidade de alocar



Foto: Shutterstock

Subproduto como caroço de algodão pode ser econômico

mais animais na mesma área. Nesse exemplo, não é possível prever o prazo de retorno do investimento, pois está ligado a uma série de variáveis, mas Lima Filho observa que a pecuária leiteira é a que apresenta as respostas mais rápidas.

Montar ou integrar grupos de compras já estabelecidos também pode ser sinônimo de ganho, pois volumes maiores quase sempre representam descontos também mais elevados. Nesse caso, observa o consultor, é preciso organização e coordenação. Assim, quem tiver dificuldades de se juntar a outros



Intensificar o sistema de pastejo rotacionado envolve custos, mas contribui para aumentar a produção

produtores para ampliar o volume de compras pode recorrer a cooperativas, que agregam essa e outras vantagens.

Na mesma linha, o zootecnista menciona como medida de redução de custo a utilização e até venda a produtores vizinhos – se houver excedente – de subprodutos agrícolas da propriedade, que podem ser utilizados tanto na alimentação do rebanho como na adubação do solo. Até mesmo a aquisição desses materiais pode ser vantajosa se o produtor considerar as particularidades de sua região, ou seja, qual o subproduto disponível fácil e em abundância. Segundo Lima Júnior, São Paulo tem caroço de algodão e polpa cítrica, por exemplo. Assim, o produtor deve avaliar se esses subprodutos podem ser usados na alimentação do rebanho e compará-los ao alimento já utilizado, como o milho, em termos de qualidade (nutrientes) e preço. “Dessa forma, saberá se vale a pena fazer a substituição”, diz o consultor.



Tom Cabral

Subproduto deve ser comparado a itens como o milho



## Proteção contra riscos

Além da economia, a redução de custos de produção traz outra vantagem: protege o negócio do risco de quedas no preço do leite. “O produtor é menos surpreendido pelas mudanças de mercado”, explica o engenheiro agrônomo Marcelo Pereira de Carvalho, coordenador do MilkPoint. Segundo ele, essa inconstância mercadológica é um grande problema aos que não gerenciam os riscos em suas propriedades e, assim, perdem competitividade.

Maurício Nogueira, da Bigma, concorda: “Gerenciando bem os custos e planejando o

futuro, os riscos serão naturalmente conhecidos dos produtores. A decisão para administrar esses riscos depende de cada caso”, observa, esclarecendo que gerir riscos é adotar medidas para evitar que possíveis ocorrências frustrem os resultados. “Os riscos podem ser administrados em diversos campos: dos tecnológicos aos financeiros. Uma propriedade rural é vulnerável a uma diversidade de riscos: clima, pragas, preços e riscos legais, entre outros. O produtor deve estar atento a todos eles”, recomenda.

“As mudanças do mercado são um grande problema aos que não gerenciam os riscos em suas propriedades e, assim, perdem competitividade.”

Marcelo Pereira de Carvalho  
Coordenador do MilkPoint

## Reaproveitamento de resíduos e fim do desperdício

Duas outras ações levam os produtores à economia e, conseqüentemente, ao aumento dos lucros. Uma é o reaproveitamento de dejetos dos animais, que, assim como outros materiais orgânicos, podem ser transformados em fertilizante e combustível. Isso é possível com a instalação, na propriedade, de um biodigestor, sistema que, ao tratar os resíduos, produz efluente líquido, que pode ser usado como fertilizante na agricultura, e biogás, um combustível renovável composto basicamente por metano e gás carbônico.

A Embrapa Instrumentação Agropecuária, em parceria com o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, desenvolveu um biodigestor anaeróbico que está em funcionamento na Escola Técnica Estadual Astor de Mattos Carvalho (ETEC), em Cabrália Paulista (SP). O biogás produzido pelo sistema abastece fogões de cozinha, aquece granjas, move motor e gerador elétrico, e o biofertilizante é utilizado para adubar os plantios agrícolas. O equipamento já

foi tema de reportagem do *Dia de Campo na TV*, exibido pelo Canal Rural. Os interessados em conhecer a tecnologia podem obter cópia do programa em DVD pelo telefone (61) 3340-9999 ou endereço eletrônico [www.sct.embrapa.br/liv/](http://www.sct.embrapa.br/liv/), ambos da Livraria da Embrapa.

Outro recurso aos que desejam saber mais sobre a instalação e o funcionamento de biodigestores é recorrer ao curso a distância *Construção e Operação de Biodigestores*, oferecido pelo Centro de Produções Técnicas (CPT) – Capacitação Profissional ([www.cpt.com.br](http://www.cpt.com.br)). O curso, ministrado pelo professor Jorge de Lucas Júnior, do Departamento de Engenharia Rural da Unesp, de Jaboticabal (SP), é composto por livro interativo e DVDs, e aponta os tipos de equipamentos em funcionamento, os mais adequados, eficientes e econômicos de acordo com o perfil da propriedade, e as formas de utilizar o biogás e o biofertilizante produzidos por eles.

Tanto para economizar como para contribuir com a preservação ambiental, o pro-

ductor também deve estar atento aos desperdícios: de fertilizantes a medicamentos. Consumir mais do que o necessário pode fazer grande diferença no fechamento das contas. Além disso, investir em fertilidade do solo de forma criteriosa resulta em ganhos.

A mesma ideia se aplica ao consumo de água e energia elétrica. Entre as medidas para reduzir os gastos estão o aproveitamento da água da chuva e a busca de fontes alternativas de energia. Uma delas é a que aproveita a luz do sol para a produção de calor ou eletricidade, em geral por meio da instalação de painéis solares. Outra é a eólica (foto), que gera energia a partir do vento por meio de turbinas. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) oferece cursos eventuais sobre o tema, que contemplam modalidades como Energia Térmica Solar e Instalação e Manutenção de Sistema Solar. Os interessados podem consultar o site da entidade ([www.senai.br](http://www.senai.br)) e conferir os módulos disponíveis em cada estado e município.

Shutterstock



*De todas as qualidades  
que o nosso leite tem,  
a nossa parceria é  
a mais importante.*

**parmalat**  




*Linha Classic e Linha Especiais.*

*Os melhores leites feitos especialmente para você.*

*A Parmalat se orgulha em oferecer o que há de melhor em lácteos. São produtos especiais e diferenciados, queridos por todos os brasileiros. E tudo isso graças a seus produtores.*

*Com uma parceria sólida, a Parmalat se mantém em primeiro lugar nas lojas e nos lares do Brasil.*

[www.lbr-lacteosbrasil.com.br](http://www.lbr-lacteosbrasil.com.br)



# Perdas que podem ser evitadas

Vacinação, manejo adequado e atenção evitam a diarreia neonatal bovina, que compromete o desempenho dos animais e pode levá-los à morte

A diarreia neonatal bovina é uma grave ameaça ao rebanho, como mostra estudo identificado pela professora Carla Bittar, do Departamento de Zootecnia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP). “Levantamento recente realizado no rebanho americano aponta taxa de mortalidade de 7,8% em bezerros na fase de aleitamento. A principal causa é a diarreia, responsável por 56% dos óbitos, seguida por doenças

respiratórias”, afirma.

A especialista observa que, no Brasil, faltam dados precisos relacionados à doença, e explica que índices de mortalidade de até 5% entre o nascimento do bezerro e seus três primeiros meses de vida são considerados aceitáveis.

Além da perda de animal, a diarreia neonatal impõe outros prejuízos ao produtor. “Os bovinos acometidos pela doença têm menor desempenho e muitas vezes

perdem peso. Também ocorre aumento no custo com medicamentos e tempo de mão de obra relacionada ao tratamento”, cita Carla, afirmando que qualquer ocorrência que reduza desempenho aumenta o período de criação e obtenção de uma fêmea pronta para entrar em produção. “Dessa forma, pode-se dizer que as diarreias estendem a idade do primeiro parto, o que eleva o custo dos sistemas de produção.”



O diagnóstico precoce é extremamente importante para que as providências sejam tomadas rapidamente, de forma a evitar perdas de peso e morte.



**Carla Bittar**

Professora do Departamento de Zootecnia da Esalq/USP



Shutterstock

Geralmente, a doença se manifesta em bezeros com menos de seis semanas de vida, principalmente os criados em lotes ou ambientes fechados. Ela pode tanto ser causada por agentes, como vírus e bactérias (saiba mais sobre eles nesta página e na seguinte), como por falhas de manejo. No segundo caso, lembra a professora, a diarreia surge repentinamente, em geral pela má utilização de utensílios ou por mudança brusca na dieta.

#### Sintomas

Carla recomenda que os produtores fiquem atentos aos sinais que denunciam o problema e imediatamente busquem soluções.

Felizmente, eles são claros. “As fezes dos animais ficam mais fluidas e malcheirosas, e os efeitos mais evidentes são desidratação, perda de apetite, depressão, prostração, aumento na exigência energética e acidose (acumulação de ácido ou perda da reserva alcalina do sangue e dos tecidos)”, afirma.

Entre os sintomas, a desidratação é o mais importante, e deve ser corrigido o mais cedo possível. Seus indícios só não se manifestam em 5% a 6% dos casos. Em 6% a 8% há perda da elasticidade da pele, e a mucosa da boca do animal fica seca. Em 8% a 10% há perda de peso, olhos fundos, mucosas secas e pulsação acelerada. E em 10% a 14% das desidratações

há letargia, extremidades geladas e circulação periférica comprometida.

A diarreia leva à perda de água, de eletrólitos (sódio, potássio e cloro), além da baixa de nutrientes, expondo o animal a um quadro de fraqueza. O tratamento deve ser baseado principalmente em programa de reidratação associado à administração de antibióticos. A reposição de fluidos (água e eletrólitos) pode auxiliar no restabelecimento do equilíbrio e permitir que o bezerro tenha oportunidade de se recuperar. A solução de eletrólitos (chamada de soro) é uma combinação de minerais e carboidratos (açúcares) que fornecem energia aos animais. Algumas formulações apresentam ainda aminoácidos, explica a professora da Esalq.

#### Cuidados

A diarreia neonatal pode ser diagnosticada a partir de um exame clínico completo dos bezeros, o que inclui medidas de temperatura e frequência respiratória, além da avaliação da condição geral e do nível de desidratação. “O diagnóstico precoce é extremamente importante para que as providências sejam tomadas rapidamente, de forma a evitar perdas de peso e, principalmente, a morte”, destaca Carla. Comprovada a doença, é indicado o isolamento do animal. “O ideal é



Fotos: Assessoria de Comunicação Esalq/USP

Fornecimento de colostro de alta qualidade é a melhor forma de controlar a diarreia bovina

separá-lo, no caso da criação em lotes, porque a transmissão da maior parte das diarreias é do tipo oral/fecal”, lembra a especialista.

Para controlar a doença, a melhor prática é o fornecimento de colostro de alta qualidade. A quantidade por refeição deve ser equivalente a 5% do peso do bezerro ao nascer. Carla indica outra prática preventiva: a colocação do animal em alojamentos individuais. É que, pelo

fato das diarreias serem transmissíveis por meio oral/fecal, a individualização auxilia no controle da disseminação. Outra recomendação é o cuidado com as instalações dos bezeros, que devem ser ventiladas, secas e limpas. Além disso, é importante que o manejo alimentar seja adequado e que os animais permaneçam ganhando peso. “Animal bem alimentado combate ou resiste a doenças mais facilmente”, conclui Carla.

## Agentes das perdas

### Vírus

As diarreias viróticas são causadas por rotavírus, coronavírus ou pelo Vírus da Diarreia Bovina (BVD). A coronavirose tem transmissão do tipo oral/fecal, e a ocorrência se dá em período de 36 a 60 horas após a incubação. Além da diarreia aguda, os sintomas são desidratação, acidose metabólica, depressão, falta de apetite (inclusive do leite), letargia e apatia. É indicada a vacinação das vacas durante o pré-parto, para enriquecer o colostro a ser fornecido aos bezeros, além do adequado manejo alimentar e a redução de estresse.

A rotavirose, mais comum no inverno, aparece rapidamente entre os recém-nascidos. A mortalidade dos infectados é de 10%. Sua transmissão também é do tipo oral/fecal e

ocorre entre um dia e três semanas de idade. Os sintomas são diarreia aquosa e amarela, desidratação, salivação aumentada e relutância para mamar. O procedimento é o mesmo indicado para as diarreias viróticas.

Já a doença causada pelo BVD começa após dois ou três dias de exposição do bezerro ao vírus. Os sintomas são diarreia aguda e desidratação. O animal também pode apresentar feridas na língua. A BVD é controlada por meio de vacinação de bezeros de um a dois meses de idade.

### Bactérias

As diarreias de origem bacteriana são causadas por *E. coli*, *Salmonella* e *Clostridium*. A colibacilose é a mais perigosa, e sua transmissão é do



Quando a doença é comprovada, indica-se isolar o animal

tipo oral/fecal. Carla lembra que a maior parte das infecções ocorre entre dois a dez dias de vida do bezerro, mas também de 12 a 18 horas após seu nascimento. Os sintomas clássicos são diarreia aguda aquosa amarelo-pálida ou esverdeada, desidratação e acidose metabólica. Durante a infecção, o animal pode perder até 16% de seu peso. A vacinação de vacas durante o pré-parto para enriquecimento do colostro é muito importante para o controle da doença.

Asalmonelose também tem transmissão oral/fecal, mas pode ocorrer ainda após a ingestão de ração contaminada. Sua incidência se dá nos primeiros 15 dias de vida do animal, quando são apresentados sinto-

mas clínicos como perda de apetite e fraqueza. A enfermidade deve ser combatida com o adequado fornecimento de colostro, impedindo que o bezerro mame na vaca, e a vacinação tanto do bezerro quanto das vacas no pré-parto.

Há ainda a enterite necrótica, causada pela *Clostridium perfringens*, bactéria de alta proliferação e produção de toxinas, transmitida pela ingestão de fezes de animais infectados. Sua incidência se dá nos primeiros dois dias de vida ou quando ocorrem mudanças repentinas na dieta. Também pode causar hemorragia e necrose da mucosa intestinal. A vacinação de vacas de uma a duas semanas antes do parto é importante para o controle.



Permanência dos animais no pasto por mais tempo foi uma das medidas que ampliaram a produção



Fotos: Carlos Rodrigues

Casal tem uma série de metas, entre elas o estabelecimento de mais controles e a produção de 500 litros/dia

# Unidos para o crescimento

Integrantes do Projeto 300,  
Cláudia Lavoratti e Sérgio Nied  
colhem os frutos de investimentos planejados

Carolina tem apenas dois anos, mas sua mãe, Cláudia Lavoratti, já a estimula a gostar do campo, dos animais, da atividade leiteira. De família tradicionalmente ligada à indústria, Cláudia tomou gosto por esse universo em 2000, quando passou a ajudar seu companheiro, Sérgio Odilo Nied, nos afazeres da propriedade de 15,5 hectares próprios e outros 6,5 hectares alugados, onde a família mora com a mãe dele, dona Amanda, no município gaúcho de Travesseiro. “Quero transmitir à Carolina que, com tecnologia, é

possível trabalhar com facilidade. E que o leite pode ser um bom negócio”, diz a produtora. Ela acredita nisso e mostra entusiasmo ao defender a ideia. Desde junho de 2011, o casal integra o Projeto 300 da LBR, que no último mês de julho completou um ano, por meio do qual a empresa pretende ajudar seus fornecedores a alcançar a marca de pelo menos 300 litros/dia de leite. Nesse período, os avanços foram significativos, principalmente em produtividade: antes, as vacas produziam em média 18 litros/dia cada uma; hoje, produzem

23 litros/dia. “E com pequenas mudanças”, observa Cláudia, citando o fornecimento de sal mineral misturado à ração e a permanência dos animais no pasto por mais tempo. “Antes, oferecíamos silagem de manhã, à tarde e à noite. Hoje, fornecemos à noite e complementamos com a sobra de manhã. O resto é pasto”, explica. Segundo ela, a propriedade sempre teve pastagem, mas não era corretamente manejada. “As vacas comiam tanto no cocho que iam ao pasto para se deitar.”

Cláudia e Sérgio têm a ajuda de um parceiro na realização das tarefas, além de contarem com a assistência de um técnico da LBR e de outro, específico, do Projeto 300. Quando necessário, contratam veterinário.

A produtora é responsável por ordenhar as vacas (são 20 em produção, em um rebanho de 40 cabeças, das raças Holandesa e Jersey), tratar a ração e as terneiras e limpar os equipamentos de ordenha. Isso tudo, duas vezes ao dia! “É cansativo, mas os produtores têm de entender que é um negócio próprio, que pode ser bem lucrativo”, observa ela, recomendando a quem pretende ingressar na



Cláudia é a responsável pelas atividades ligadas à ordenha

Raio X da propriedade

22 hectares

40 vacas, sendo 20 em lactação

Produção de 23 litros/dia por animal

Área de 1,8 ha de tifton 68

20 piquetes

Ordenha canalizada



Fotos: Carlos Rodrigues

**Toda a evolução já alcançada estimula Cláudia e Sérgio a fazerem mais planos para 2012/2013, entre eles:**

- Divisão de novos piquetes na área de tifton
- Início de pastejo noturno
- Instalação de bebedouros na sala de espera e nos piquetes
- Adoção de quadro reprodutivo e irrigação
- Formação da área de jiggs (0,5 ha) e de 1 ha de pastagem
- Correção do solo
- Aquisição de mais 18 canzís para a sala de alimentação (já são 21)
- Otimização da sala de espera

atividade “conhecer bem o dia a dia e sempre buscar informações, evoluir. Não pode ficar parado”, alerta.

O casal segue à risca essa recomendação: assiste a palestras e preocupa-se não apenas com a quantidade, mas também com a qualidade da produção. “As empresas querem qualidade. Por isso, apostamos no gado Jersey, que tem mais sólidos no leite e, assim, agrega maior valor final.”

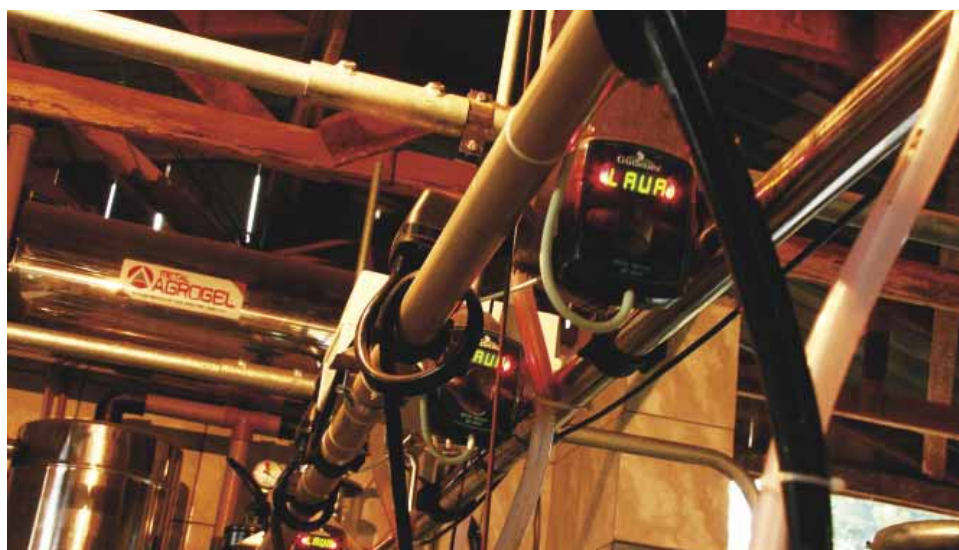
**Metas e objetivos**

A intenção dos produtores é atingir produção de 500 litros/dia. “Queremos ter 42 animais. Estamos quase lá”, diz Cláudia,

explicando que, antes, tinham muitas novilhas e poucas vacas, e, logo, terão mais animais produtivos.

Para essa ampliação, o casal detectou a necessidade de aumentar também – e melhorar – a área de ordenha. Assim, em junho, foi construída na propriedade uma sala de ordenha com fosso espinha de peixe duplo e canalização (até então, o sistema era espinha de peixe simples e balde ao pé do transferidor).

Também de olho no aumento da produção, e em sintonia com o Projeto 300, são mantidos na propriedade 1,8 ha de tifton 68, sendo que metade dessa área está sendo utilizada, dividida em 20 piquetes de 470 m².



**MARCA**



# Qualidade aliada ao empreendedorismo

**A LeitBom nasceu como uma fábrica de manteiga e chegou a ser o quinto maior laticínio brasileiro**

A qualidade dos produtos e o reconhecimento do mercado cercam a marca LeitBom desde a sua criação, em 1964, em Morrinhos (GO). Foi nessa pequena cidade do interior que o empreendedor rural Domingos Vilefort Orzil fundou sua fábrica de manteiga, a Laticínios Morrinhos, e deu início a uma bem-sucedida trajetória empresarial, conduzida por dois grupos familiares que tinham à frente, além de Orzil, Ananias Justino Ferreira Neto.

Sob o comando de ambos, a LeitBom ampliou seu portfólio – hoje composto por leite UHT, leite em pó, achocolatado, creme de leite e queijos mussarela e prato – e chegou a ser a quinta maior empresa do país em seu segmento. Ocupava essa posição quando, em 2008, foi vendida para a Monticiano Participações, do Grupo GP Investments, que, com a operação, ingressou no agronegócio. Na época da compra, a LeitBom mantinha cinco unidades industriais – quatro

em Goiás e uma no Pará –, contava com mil funcionários e concentrava suas vendas nas Regiões Nordeste e Centro-Oeste do país.

O próximo passo rumo ao crescimento foi dado em março de 2010, quando a LeitBom passou a liderar um consórcio formado pelas empresas Glória e Ibituruna, compondo um dos maiores parques fabris lácteos do Brasil, com a gestão unificada de nove unidades industriais produtoras de leite UHT das três companhias.

No final de 2010, outro fato importante veio consolidar o empreendedorismo característico da marca: a associação com a Bom Gosto, que resultou na maior companhia privada nacional do setor, a LBR – Lácteos Brasil S.A.

Da LeitBom, a nova gigante do leite herdou importantes ativos, como o compromisso com a responsabilidade ambiental e a qualidade dos produtos, atestada desde a fábrica até o consumidor final. O objetivo dessas e outras iniciativas inovadoras é oferecer uma linha de

produtos cada vez mais completa para atender às necessidades e exigências do público consumidor.



**A marca LeitBom assina os produtos**

- Leite UHT
- Leite em pó
- Achocolatado
- Creme de leite
- Queijo prato
- Queijo mussarela



# Em busca de visibilidade

Pesquisa para estabelecer perfil do produtor e do setor leiteiro aponta questões como falta de investimento, interação e capacitação

Começar a desenhar o perfil do produtor de leite brasileiro, seus anseios e receios, e, ao mesmo tempo, levantar dados sobre o mercado, os pontos fortes e aspectos em que ainda precisa melhorar. Com esses objetivos, o agrônomo Marcelo Pereira de Carvalho, coordenador do MilkPoint, realizou uma pesquisa, no início deste ano,

com produtores que acessam o site.

O levantamento, desenvolvido com a colaboração de Paulo do Carmo Martins, pesquisador da Embrapa Gado de Leite, partiu de um questionário respondido entre 10 de janeiro e 2 de março por 119 pessoas, de quase todo o Brasil – a maioria de Minas Gerais. Carvalho ressalta que

o trabalho não tem a ambição de levantar questões mais profundas, até mesmo por uma razão numérica. “Estamos tentando começar a entender aspectos que influenciam na capacidade de investimento e expansão da atividade no país”, afirma.

Ainda assim, os dados coletados já permitiram a ele, e, por extensão, ao MilkPoint, iniciar uma análise do chamado ambiente de investimento no setor leiteiro do Brasil. Ou seja, uma reflexão em torno das seguintes questões: Como é a estrutura do setor para a atração de investimento? O capital hoje é atraído para o setor? Agricultores e empresários se sentem encorajados a investir?

As primeiras respostas apontam uma timidez no setor, que não evoluiu o que poderia, de acordo com Carvalho. “Há

alguns sintomas interessantes. Um deles é que os maiores produtores têm crescido menos do que a média nacional. Teoricamente, os 100 maiores recebem melhor preço, compram melhor, têm mais acesso à informação. São aqueles com mais condições de crescer, os mais assediados pelos laticínios. Mas, nos últimos dez anos, expandiram menos.”

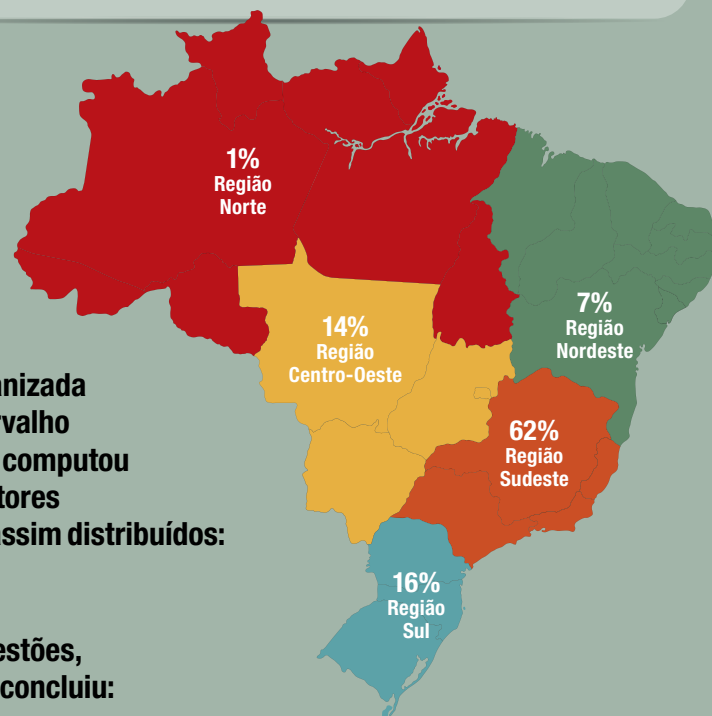
Um dos principais “entraves”, como define o especialista, é a falta de condições ideais para que haja um grande investimento no setor. “E pode ser desde questões de mercado, como previsibilidade de preço e de custo, como ferramentas para gerenciar o risco. Hoje, o produtor de soja, por exemplo, pode vender a mercadoria no mercado futuro (mercado em que as partes se comprometem a comprar ou vender certa

quantidade de um bem por preço estipulado em contrato para liquidação em data futura). Então, tem mais ferramentas para gerenciar o risco. O produtor de leite não tem esses recursos disponíveis, não existe mercado futuro de leite”, explica.

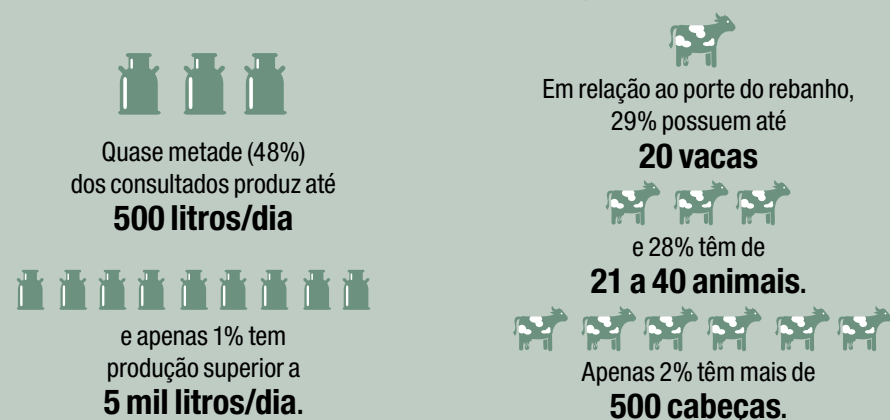
Na visão do coordenador do MilkPoint, um dos maiores problemas da cadeia leiteira é a pouca interação de seus elos. Ou seja, a comunicação entre produtores e indústria ainda não é eficiente como poderia. “Isso pode ser observado no caso da soja, dos suínos, da laranja. Há uma participação mais intensa entre a indústria e o produtor, que está mais integrado em todo o processo. No caso da laranja, o financiamento do plantio às vezes é feito pela indústria. Nesses segmentos, a indústria entendeu que precisava ter uma interação maior com a produção.

## A face do produtor pesquisado

A pesquisa organizada por Marcelo Carvalho e Paulo Martins computou dados de produtores de 14 estados, assim distribuídos:



Entre outras questões, o levantamento concluiu:



Quanto aos recursos,

**52%** utilizam capital próprio,

**37%** conseguiram financiamento bancário,

**8%** usam financiamento de laticínio ou cooperativa e

**4%** recorrem a empréstimos de familiares ou amigos.

A utilização ainda tímida do financiamento se explica pela resposta em relação aos juros do sistema: **52%** dos produtores os consideram altos.



Marcelo de Carvalho, coordenador do MilkPoint

O baixo grau de endividamento (ou a timidez nos investimentos) ficou claro no fato de que apenas **23%** dos produtores possuem ao menos 20% dos ativos usados na produção, como máquinas e equipamentos.

E é essa interação que, para Carvalho, permite ao mercado se tornar mais atrativo e conquistar mais investidores, que enxergam a possibilidade de ter lucro. “Por que produzir leite? Uma das questões é a rentabilidade. Se existe potencial elevado, pode-se decidir pelo leite. Outro aspecto é a forma como a cadeia está organizada para que o negócio seja interessante. Isso acontece se há transparência no mercado, informações, se é possível prever alguma mudança de cenário. Esse é um ponto importante: o risco associado ao negócio”, detalha. A presença desse risco, ou a falta de mecanismo que transmita segurança, acaba provocando a fuga do investidor, aponta.

As respostas ao questionário de 15 perguntas, a maioria descritiva, permitiram a Carvalho analisar outras questões, como o acesso a financiamento por parte dos pequenos produtores de leite, que é restrito, segundo ele, mas não por falta de disponibilidade de recursos bancários. “Há uma questão cultural, talvez o medo de captar dinheiro, de se endividar. O produtor não sabe como estará o mercado do leite daqui a um ano. Não há uma sinalização clara de para onde ele vai caminhar. Por exemplo: o produtor tem baixa fidelidade em relação à indústria. Vende para uma empresa hoje e pode ser que no mês que vem venda para outra. Os laticínios estão

buscando trabalhar nessa linha da fidelidade, pois precisam ter uma base de fornecimento mais estável. Só assim conseguem trabalhar a evolução do produtor. Como trabalhar a base de fornecedores se há rotatividade? Impossível”, declara.

Por essa razão, o especialista define o produtor de leite como conservador, já que seu perfil recorrente é o de evitar risco. “Mas existe outra questão, que é a burocracia. Às vezes o acesso ao recurso é dificultado. Então, tem o dinheiro, mas o produtor não consegue pegar. Ou não conhece os mecanismos para fazê-lo”, diz.

Até porque, a maioria detém pequenas

propriedades. Na pesquisa do MilkPoint, 57% dos entrevistados tinham até 40 vacas. E 48% produziram de zero a 500 litros/dia. O número, analisa Carvalho, parece pequeno, mas a média nacional é de 100 litros/dia. Existem no Brasil poucas grandes fazendas. E as 100 maiores produzem menos de 2% do total, lembra o agrônomo. “Num país que está crescendo e com menos de 5% de desemprego, com aumento das oportunidades de trabalho, qual é o maior problema? É que se esse produtor não crescer – e para isso ele precisa de capacitação e investimento –, a base de sustentação da produção brasileira está em risco”, analisa.

“Por que produzir leite? Uma das questões é a rentabilidade. Se existe potencial elevado, pode-se decidir pelo leite.”

Marcelo Pereira de Carvalho  
Coordenador do MilkPoint

## Novos campeões da qualidade

Em andamento desde o início de fevereiro, o Concurso LBR de Sólidos do Leite, de valorização dos produtores que investem em qualidade, premiou os seguintes vencedores do mês de junho.

Produtor	Categoria	Local	Gordura (%)	Proteína (%)	Lactose (%)	CCS (Cels/ml)	CBT (UFC/ml)
Ignacio Amhold	Nacional e Sul	Giruá	5.43	3.71	4.51	245	96
Charles Neidir Gabriel	Centro Sul	Maripá	5.17	3.94	4.52	378	25
Paulo Roberto Rosa e Sebastião C. Rosa	Sudeste	Muriaé	5.11	3.74	4.48	47	55
Ernesto Ribeiro de Carvalho	CNN	São Luis de Montes Belos	4.69	3.79	4.64	217	31

## Em dia com o conhecimento

Para contribuir com o aperfeiçoamento de seus fornecedores e, conseqüentemente, a ampliação da qualidade do leite e da rentabilidade das propriedades, a LBR promove Dias de Campo em todas as regiões do país. Confira a programação de setembro e outubro e planeje a sua participação.

Data	Supervisor	UF	Unidade	Região	Município	Propriedade	Produtor
13/Set.	Umberto Morais	GO	São Luis de Montes Belos	Centro Norte Nordeste	São Luis de Montes Belos	Córrego Seco	Warley Jose Guimarães
14/Set.	Cristiano Balestri	SC	São José do Cedro	Sul	São José do Cedro	Estância da Tríplice Fronteira	Adelar Zimmer
14/Set.	Gilmar Gomes da Silva	RJ	Itaperuna	Sudeste	Córrego Fundo	Córrego Fundo	Adilson Nogueira
14/Set.	Gildo Cruz	PA	Conceição do Araguaia	Centro Norte Nordeste	Água Azul do Norte	Nossa Senhora de Fátima	João Paulo Rodrigues Cardoso
20/Set.	Sergio Gonçalves	PR	Perobal	Centro-Sul	Farol do Oeste	Sítio Fartura	Mario Baio
21/Set.	Jackson Benevides	PE	Garanhuns	Centro Norte Nordeste	Águas Belas	Comunidade de Tanquinhos	Coopanema
21/Set.	Ederson Cantelli	RS	Gaurama	Sul	Getulio Vargas	Siloe Maria Soligo	Siloe Maria Soligo
29/Set.	Cleone da Silva Rocha	PA	Conceição do Araguaia	Centro Norte Nordeste	Morro Alto	Fazenda Mara Rosa	Claudina de Azevedo Ribeiro
12/Out.	Agnovaldo Barreto	AL	Jacaré dos Homens	Centro Norte Nordeste	Arapiraca	Sítio Gaspar	Rita de Cássia de Castro Alves Martins
19/Out.	Bem-Hur Schneider	RS	Panambi	Sul	Panambi		Sandro Roberto Hoffmann
25/Out.	Joel Rolim	MS	São Gabriel do Oeste	Centro-Sul	Bandeirantes	Fazenda Barreiro	Valdemar Godinho da Aparecida Neto
26/Out.	Fábio Stroher	RS	Aratiba	Sul	Aratiba		Agostino Dalla Rosa

*Goldwyn x O-Man*

7H009321

# Crown

RALMA GOLD CROWN - ET








- Cruzamento entre 2 gigantes da raça: **GOLDWIN X O-MAN**.
- Família com inúmeras vacas pontuadas "EX".
- Touro completo com excelente equilíbrio entre Produção e Tipo.



*John Erben*

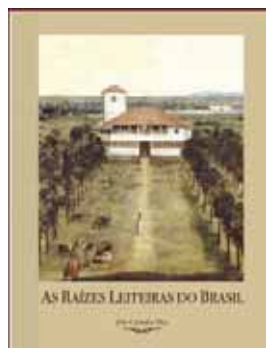
PRODUCT OF USA



## SELECT SIRES DO BRASIL

## TETRA PAK

## Patrocínio à história dos laticínios



Divulgação

A empresa Tetra Pak, líder mundial em soluções para processamento e envase, é patrocinadora do livro *As raízes leiteiras do Brasil* (foto), do jornalista João Castanho. Fartamente ilustrada, com mapas e comentários de todas as bacias leiteiras do país, a obra também apresenta imagens e informações de 30 revistas e publicações do setor lácteo que já circularam no Brasil. Conta ainda a história do queijo, da manteiga, do gado leiteiro e da evolução das embalagens.

De acordo com Elisa Prado, diretora de Comunicação da Tetra Pak, a história da empresa no Brasil se mistura com a trajetória do desenvolvimento do mercado lácteo local. "Por isso, nos orgulhamos de apoiar essa obra, que divulga e promove a preservação da memória desse importante setor", afirma a executiva.

## CARGILL

## Operação nacional sob novo comando

Desde 10 de agosto, a Cargill tem um novo presidente no Brasil: o executivo Luiz Pretti, que acumulará o cargo com outros que já exerce na companhia, de tesoureiro para a América Latina, presidente do Banco Cargill e membro de conselhos como os da Fundação Cargill, CargillPrev e SJC Bio-energia. O ex-presidente da empresa, Marcelo Martins, assumiu no México a recém-criada Unidade de Negócio Cargill Food México.

## SICREDI

## Promoção é destacada em prêmio internacional

A Força Premiada Sicredi, promoção que distribuiu R\$ 2,5 milhões em prêmios e somou 37 milhões de cupons de operações de associados da entidade, entre abril e dezembro de 2011, foi agraciada em duas categorias da etapa regional do *Ampro Globes Awards* – principal premiação relacionada ao

marketing promocional, realizada anualmente em mais de 25 países.

O Sicredi recebeu o certificado prata na categoria "Melhor campanha de comunicação integrada", que avaliou o trabalho de comunicação feito no Força Premiada. Entre as ações adotadas, foram produzidas mais de 600 peças

promocionais.

Além disso, a organização foi contemplada com o certificado bronze em razão da "Melhor campanha gerando incremento de volume". Nesse sentido, foi demonstrado o sucesso da promoção, que contribuiu com incremento de mais de 20% na receita geral do Sicredi.

## ESALQ

## Publicações disponíveis na internet

Para ampliar o acesso à informação pela comunidade, a Divisão de Biblioteca (DIBD) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) digitalizou todos os números da Série Produtor Rural. São mais de 60 títulos, que abordam temas variados e trazem informações práticas destinadas ao homem do campo. Por enquanto, é possível apenas visualizar as obras, mas, a partir de outubro, durante a Semana do Livro, elas estarão disponíveis também para *download*. Entre os temas tratados na Série estão estabelecimento de pastagens, adubação verde, áreas de preservação permanente e reaproveitamento de resíduos orgânicos (foto). Para fazer as consultas basta acessar <http://www.esalq.usp.br/biblioteca/publicacao>.



Divulgação


**JARDINOX®**  
 Mais vida para seu produto


A Jardinox fabrica mais um produto para atender as necessidades de seus clientes.

**SEMI-REBOQUE TANQUE MODELO VANDERLÉIA**

- Formato cilíndrico com tampas torriesféricas;
- Aço inox AISI 304 de capacidade de 34mil litros;
- Tampas de inspeção com válvulas de vácuo e contra vácuo;
- Passarela superior lateral em alumínio anti-derrapante;
- Sistema de descarga inferior de 3";
- Sistema de iluminação em LED;
- Pintura anti corrosiva;
- Base auto portante com sistema de suspensão pneumática de 3 eixos distanciados com eixo auto direcional.

Produto produzido dentro dos padrões de qualidade Jardinox, que há mais de 20 anos dispõe de ótimos produtos no mercado.

**Matriz:**

Fone/Fax : (55) 3535-2300  
 Rod. RS 342 Km 0800, Nº 600  
 Cep: 98910-000 - Bairro Glória  
 Três de Maio - RS

**Filial:**

Fone/Fax : (64) 3431-4499  
 Rua Machado de Assis Nº389  
 Bairro N. Senhora da Saúde  
 Cep: 75520-000 - Itumbiara - GO



[www.jardinox.com.br](http://www.jardinox.com.br)

## MATSUDA

## Fábrica é inaugurada no interior paulista

No primeiro semestre deste ano, a cidade de Tambaú (SP) passou a se-diar a nova unidade fabril da Matsuda, com capacidade de 450 toneladas/mês de ração, onde é produzida a nova linha de rações peletizadas, a Pilates Performance, com produtos para equinos, bovinos, ovinos e caprinos.

Para os bovinos, o produto fabricado em Tambaú é o Matsuda Pilates Performance 14%, ração indicada para animais de leite em crescimento. Entre os atributos da linha Matsuda Pilates Performance estão a não adoção de matéria-prima de origem animal e a utilização de ingredientes selecionados e de alto valor biológico.

## BUNGE

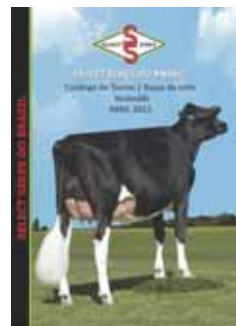
## Sustentabilidade reconhecida

A Bunge Brasil recebeu recentemente dois importantes reconhecimentos por sua atuação sustentável no setor sucroenergético. A Bonsucro, organização internacional que estabelece princípios e critérios socioambientais para aplicação nas regiões de cultivo da cana em todo o mundo, certificou mais uma das usinas da empresa, a terceira em menos de um ano. Além disso, a Bunge conquistou o selo Empresa Compromissada, da organização Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar. “Esses reconhecimentos atestam que estamos em conformidade com as melhores práticas de sustentabilidade, e nos encorajam a continuar investindo em todas as nossas operações para entregar ao mercado produtos com cada vez mais qualidade e de forma sustentável”, afirmou Ricardo Santos, vice-presidente de Açúcar e Bioenergia da Bunge Brasil.

## SELECT SIRES

## Raças leiteiras em novos catálogos

Alinhada ao propósito de atender com excelência seus clientes, produtores e parceiros, a Select Sires do Brasil lançou os novos Catálogos de Touros de raças leiteiras (foto), nos quais é possível encontrar informações sobre as características de cada uma delas para impulsionar o melhoramento genético nas propriedades.



## CRV LAGOA



## Reprodutor há 15 anos

O touro Kian (foto), que faz parte da bateria de Holandês Vermelho e Branco da CRV e tem seu sêmen colocado à disposição no Brasil pela CRV Lagoa, completou 15 anos em junho como o mais aclamado reprodutor internacional da raça. O animal causou impacto em 2008 quando se tornou o primeiro (e até hoje único) holandês vermelho e branco a superar a marca de 1 milhão de doses de sêmen comercializadas. Hoje, o volume chega a 1,4 milhão de doses. O desempenho recordista de Kian se deve, entre outros, ao fato de que desde a sua estreia como touro reprodutor, em 2002, é um dos cinco mais utilizados, tendo chegado a liderar esse ranking por quatro anos consecutivos. Ao escolhê-lo, os criadores consideraram índices que são suas marcas registradas, como traços de proteína (+0.27%), pernas e pés (110) e saúde do casco (108).

## MERIAL

## Literatura acessível

Por intermédio da Lei Rouanet, de incentivo à cultura, a Merial Saúde Animal patrocinou o livro infantil *Apito apitô, pito pitô*, do escritor João Proteti, que retrata, de maneira divertida e em forma de poema, o convívio dos animais domésticos com os seres humanos. A ação faz parte do projeto Bichos do Coração, que tem como propósito beneficiar e apoiar entidades sociais da região de Campinas (SP). Editada também em braille, a obra será distribuída ao Instituto Pró Visão, de Campinas, que atende crianças com deficiência visual, e a escolas da rede pública de Paulínia (SP).

## Dedicação também à arte da culinária

Para a apresentadora e atriz Karina Bacchi, cozinhar é um delicioso ritual

Ela começou a trabalhar bem cedo. Aos quatro anos, fez suas primeiras fotos como garota-propaganda de uma grife infantil. De lá para cá, não parou mais. Karina Bacchi nunca deixou a carreira de modelo, mas enveredou pela atuação e, agora, assumiu que gosta de estar à frente das câmeras, e se sente mais à vontade como apresentadora. Assim, há cinco meses, retomou o trabalho na TV, comandando o programa semanal *Pop Up*, da Mix TV. “Decidi que sou mais feliz sendo eu mesma. O retorno do público é muito maior e mais carinhoso”, explica a loira, que trabalhou como apresentadora na versão brasileira do programa *Simple Life (Vida Simples)*, ao lado de Ticiane Pinheiro, e teve um quadro no *Domingo Espetacular*, ambas as experiências na Rede Record.

De 2000 a 2008, sua trajetória como atriz foi agitada e incluiu atuações em oito novelas de diferentes emissoras: *Vidas Cruzadas* (Record), *Picara Sonhadora* (SBT), *Marisol* (SBT), *O Clone* (Globo), *Agora É Que São Elas* (Globo), *Da Cor do Pecado* (Globo), *Cidadão Brasileiro* (Record) e *Caminhos do Coração* (Record). Karina ainda fez parte do elenco de uma série e dois longas-metragens antes de ser confinada com outras 13 celebridades, em

2010, na segunda edição do *reality show A Fazenda*, da Record. Passou 88 dias no programa e saiu de lá como vencedora, com R\$ 1 milhão no bolso.

Depois de tamanha exposição, Karina deu um tempo da televisão e passou um ano em Barcelona, na Espanha. Morando sozinha e estudando espanhol, começou a experimentar a arte da culinária. Pegou gosto e, quando voltou a morar em São Paulo, no ano passado, fez alguns cursos de gastronomia, como um de cozinha tailandesa e outro de temperos.

“Amo fazer risotos. Depois que você aprende o básico, criar novas receitas e variar é superfácil”, diz.

Uma de suas especialidades é um risoto de tomate seco, rúcula e mussarela de búfala. “É uma receita muito saborosa. Para mim, o preparo vira um ritual delicioso, principalmente quando se está acompanhada de quem se ama.

E, para tornar ainda mais perfeito esses momentos, escolho um bom vinho e uma boa música”, completa ela, que dividiu sua receita preferida com os leitores da revista *Produtor LBR*.



## Risoto de tomate seco, rúcula e mussarela de búfala

## Ingredientes

1 maço pequeno de rúcula  
100 gramas de tomate seco picado  
1 colher (sopa) de azeite extravirgem  
1 xícara (café) de vinho branco seco  
1 colher (sopa) de cebola picada  
1 colher (sopa) de margarina  
380 gramas de arroz arbóreo sem lavar  
1 litro e meio de água  
2 tabletes de caldo de legumes  
150 gramas de mussarela de búfala cortada

## Modo de preparo

Numa panela aqueça a água com os tabletes de legumes e deixe cozinhando em fogo baixo. Refogue a rúcula e o tomate seco no azeite, depois adicione metade do vinho branco. Em seguida, numa panela grande, doure a cebola em metade da margarina. Acrescente o arroz e refogue por alguns minutos. Adicione o restante do vinho em fogo alto e, com uma concha, coloque aos poucos o caldo de legumes que deve estar em ponto de fervura. Cozinhe por aproximadamente 20 minutos. Coloque um pouco do tomate seco enquanto o arroz ainda cozinha. O arroz irá ganhar corpo aos poucos e deve ser retirado do fogo ainda bem molhado. Acrescente a rúcula e o tomate seco já refogados, o restante da margarina e a mussarela de búfala. Mexa bem. Finalize enfeitando o prato com algumas folhas de rúcula.

**COTAÇÕES**

AGOSTO/2012

CONCENTRADOS PROTÉICOS R\$/tonelada	Mínimo	Médio	Máximo
FARELO DE ALGODÃO 28 SP	650.00	771.11	840.00
FARELO DE ALGODÃO 38 SP	750.00	881.82	1,020.00
FARELO DE ALGODÃO 28 MG	785.00	848.75	1,000.00
FARELO DE ALGODÃO 38 MG	750.00	907.86	1,100.00
FARELO DE ALGODÃO 28 GO	775.00	828.75	950.00
FARELO DE ALGODÃO 38 GO	870.00	925.00	1,050.00
TORTA DE ALGODÃO MT	550.00	650.00	750.00
FARELO DE AMENDOIM SP	760.00	870.00	1,050.00
CAROÇO DE ALGODÃO BA	450.00	590.00	620.00
CAROÇO DE ALGODÃO MT	450.00	490.00	550.00
FARELO DE SOJA RS	1,190.00	1,280.00	1,380.00
FARELO DE SOJA SP	1,280.00	1,381.15	1,570.00
FARELO DE SOJA MG	1,340.00	1,410.70	1,517.00
FARELO DE SOJA MT	1,290.00	1,310.00	1,350.00
FARELO DE SOJA MS	1,350.00	1,395.00	1,440.00
FARELO DE SOJA GO	1,270.00	1,296.00	1,350.00
FARELO DE SOJA PR	1,340.00	1,390.00	1,480.00
CASCA DE SOJA MG	420.00	526.00	658.00
URÉIA PECUÁRIA	1,700.00	2,182.00	2,840.00

CONCENTRADOS ENERGÉTICOS R\$/tonelada	Mínimo	Médio	Máximo
FARELO DE ARROZ SP	410.00	536.67	600.00
FARELO DE ARROZ MG	415.00	530.00	600.00
MILHO GRÃO SP	420.00	506.00	583.00
MILHO GRÃO GO	350.00	389.00	416.00
FARELO DE TRIGO SP	420.00	497.50	587.00
FARELO DE TRIGO RS	450.00	450.00	450.00
SORGO GRÃO SP	400.00	425.00	450.00
MELAÇO in natura	790.00	840.00	900.00
MELAÇO em pó	884.00	1,278.67	1,752.00
POLPA CÍTRICA PELETIZADA granel	335.00	372.50	460.00

CALCÁRIO AGRÍCOLA R\$/tonelada	Mínimo	Médio	Máximo
DOLOMÍTICO - PARANÁ	24.50	24.75	25.00
DOLOMÍTICO - CENTRO OESTE	38.00	44.33	55.00
DOLOMÍTICO - SÃO PAULO	35.00	57.00	70.00
DOLOMÍTICO - MINAS GERAIS	35.00	50.67	72.00
CALCÍTIPO - CENTRO OESTE	35.00	45.00	55.00
CALCÍTIPO - MINAS GERAIS	35.00	42.00	50.00

\*Preços sem frete (Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br)

FERTILIZANTES R\$/tonelada	Mínimo	Médio	Máximo
<b>NITROGENADOS</b>			
Sulfato de Amônio	800.00	866.43	1,100.00
Ureia	1,179.00	1,303.45	1,450.00
Nitrato de Amônio	870.00	933.81	1,000.00
<b>POTÁSSICO</b>			
Cloreto de Potássio granulado	1,300.00	1,442.94	1,650.00
<b>FOSFATADOS Solúveis</b>			
Super Simples granulado	715.00	790.56	862.00
Super Triplo	1,179.00	1,288.38	1,472.00
MAP granulado	1,234.00	1,505.67	1,678.35
DAP	1,350.00	1,458.33	1,660.00
<b>FOSFATADOS Naturais</b>			
Fosfato de Araxá (ensacado)	230.00	237.33	242.00
Fosfato de Araxá (granel)	195.00	1,126.50	2,058.00
<b>FORMULADOS</b>			
04-14-08	760.00	863.53	1,060.00
04-20-20	900.00	1,119.67	1,256.00
04-30-10	980.00	1,125.60	1,207.00
04-30-16	1,070.00	1,271.88	1,365.00
05-20-20	1,112.00	1,180.40	1,250.00
05-25-25	1,070.00	1,262.20	1,350.00
06-30-30 - eucalipto	1,205.00	1,348.57	1,457.00
08-20-20+Zn	1,030.00	1,176.30	1,273.00
08-28-16 + Zn	1,016.00	1,286.69	1,624.00
10-10-10	750.00	928.27	1,200.00
10-15-15	950.00	1,055.00	1,090.00
14-07-28	890.00	1,170.25	1,434.00
15-05-15 - eucalipto	980.00	990.00	1,020.00
15-20-20	1,200.00	1,200.00	1,200.00
20-05-05	1,000.00	1,000.00	1,000.00
20-00-15	917.00	988.50	1,211.00
20-00-10 - pastagem	828.00	903.71	1,148.00
20-00-20 - cobertura - grãos	760.00	1,007.00	1,235.00
20-00-30	910.00	1,185.00	1,260.00
20-05-20	800.00	1,102.00	1,400.00
25-00-25 - cobertura cana	890.00	1,150.90	1,270.00

DEFENSIVOS AGRÍCOLAS R\$/embalagem	Mínimo	Médio	Máximo
AMINOL 806 - 20 litros	156.98	222.20	260.00
DMA 806 - 20 litros	220.00	259.93	320.00
GLIZ 480 CS - 1 litro	14.26	14.63	15.00
GLIZ 480 CS - 20 litro	114.00	165.90	228.00
ROUNDUP WG - 1kg	12.00	16.49	25.00
TORDON - 20 litros	600.00	754.38	936.85
TRUPER - 20 litros	1,421.00	1,512.33	1,620.00

# A revolução em conforto animal

## Cow Brush DeLaval 3ª geração!



### Sua solução – todos os dias

A escova oscilante Cow Brush DeLaval que você conhece ficou ainda melhor!

- Melhores ângulos de contato entre a escova e o animal usando dois pontos de articulação independentes
- Mecanismo de segurança único: ainda mais segura para suas vacas
- Comprovado! Seu uso aumenta a produção de leite e reduz os índices de mastite clínica\*

\*Fonte: Cornell University (Schukken, Young - Ago/2009)

Deixe suas vacas sentirem os benefícios da nova Cow Brush.

[www.delaval.com.br](http://www.delaval.com.br)



7ª edição

## RELATÓRIO DE TERRAS

O relatório permite uma análise rápida sobre o mercado de terras agrícolas e de pastagens a fim de auxiliar nas decisões de negócios.

Adquira o seu!

[www.scotconsultoria.com.br](http://www.scotconsultoria.com.br) ou ligue para 17 3343 5111





**Em qualidade  
de leite,  
os especialistas**  
Linha de detergentes DeLaval

### Sua solução – todos os dias

A boa higiene do equipamento de ordenha e do tanque de resfriamento é essencial para a obtenção de um leite de qualidade e para um negócio mais rentável.

Somente quem é líder no mercado de soluções para a produção de leite a mais de 130 anos pode desenvolver produtos especiais para a higiene dos seus equipamentos.

Entre em contato com a revenda DeLaval mais próxima de você e conheça nossa linha de detergentes.

DeLaval Ltda.

Fone: 19 3795-3878 E-mail: [brasil.info@delaval.com](mailto:brasil.info@delaval.com)

[www.delaval.com.br](http://www.delaval.com.br)



 **DeLaval**